

# PSIS 21

| REVISTA OFICIAL DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES | Nº 2 | Abril 2012 |

## Um País de Psicólogos?

---

SAÚDE NO TRABALHO

**Os Psicólogos  
e os riscos psicossociais**

---

EMPREGABILIDADE DOS  
PSICÓLOGOS

**Os factos e os mitos**

---

EMPREENDEDORISMO

**Sucesso depende mais  
da atitude do que do  
financiamento**

## REGRAS DE PUBLICIDADE NAS PUBLICAÇÕES DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES

A Direcção da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) entende que o conteúdo da publicidade a incluir nas suas publicações deve respeitar de forma efectiva os princípios relativos à defesa da Psicologia, enquanto ciência e profissão, referidos na Lei n.º 57/2008, de 4 de Setembro, e no Estatuto da OPP aprovado em anexo a esta lei. A publicidade constante das publicações da OPP respeita assim, em todos os casos, os princípios éticos de defesa da Psicologia como ciência e profissão que são exigíveis a uma organização como a OPP.

Sem prejuízo das creditações concedidas por organismos oficiais portugueses, não é permitida publicidade que inclua referências a creditações concedidas por entidades nacionais ou estrangeiras que não tenham celebrado acordos de reconhecimento mútuo com a OPP.

Os conteúdos de toda a publicidade presente na Revista da OPP são da exclusiva responsabilidade dos seus autores e devem estar devidamente assinalados enquanto tal.

**Direcção da Ordem dos Psicólogos Portugueses,**  
13 de Dezembro de 2011

---

PARA ANUNCIAR, POR FAVOR CONTACTE  
[publicidade@ordemdospsicologos.pt](mailto:publicidade@ordemdospsicologos.pt)



Crise é a palavra mais ouvida nos últimos tempos. Por todo o lado se fala da crise e das suas consequências, se tenta explicar a crise, e prever quando ela terminará. O impacto económico que se tem feito sentir tem trazido consigo consequências sociais e psicológicas de que ainda desconhecemos todas as implicações. No meio destes discursos tem havido uma ausência de referência às dimensões psicológicas da crise, aos seus impactos de curto e longo prazo, e uma total exclusão dos psicólogos do debate sobre as formas de ultrapassar a crise.

Tenho-o dito múltiplas vezes. Os psicólogos são uma das profissões que melhor conhecem o significado da palavra crise, e as suas vastas implicações. Seja numa consulta, numa organização, na escola, numa situação de emergência, os psicólogos trabalham diariamente com situações de crise e desenvolveram metodologias de trabalho para ajudar as pessoas a lidar com as crises. Além disso, grande parte do trabalho da psicologia tem sido o estudo dos princípios de mudança e o desenvolvimento de conhecimentos sólidos sobre como as pessoas podem mudar. E nas crises é preciso mobilizar recursos para uma mudança rápida e adaptação à situação corrente.

Os psicólogos conhecem bem os aspectos desorganizadores do que significa estar em crise, a perda ainda que temporária de referências, a incapacidade de dar significado às experiências e, por isso mesmo, a dificuldade em se organizar para encontrar respostas às dificuldades presentes. Conhecem as dificuldades face ao desconhecido, o sentimento de recuo e de falta de opções, a desmotivação, o abandono da procura de soluções.

As crises pessoais, relacionais, de grupos, são grande parte do trabalho que os psicólogos realizam no seu dia-a-dia.

A sociedade como um todo tem de lidar com as consequências da crise, o aumento da depressão, do suicídio, das perturbações ansiosas e do stress, o impacto generalizado na qualidade do trabalho, e talvez o pior de tudo, um sentimento de desesperança, que é prenunciador de uma falta de vontade para agir e confrontar a situação em que nos encontramos.

Enquanto profissionais temos o dever de contribuir para ajudar as pessoas nas diversas situações de crise que atravessam. Mas temos também o dever de alargar a nossa esfera de influência, e de oferecer o nosso olhar e intervenção, e com isso contribuir para a sociedade e o bem-estar dos cidadãos.

Por isso temos de ser mais claros na afirmação da psicologia como um conhecimento válido e importante para sair da crise. Nós sabemos muito bem o que são crises, e o que fazer para sair delas. Precisamos de afirmar em cada um dos locais que frequentamos, onde trabalhamos, o que está ao nosso alcance para sair da crise. Sem que para isso sejam necessários conhecimentos profundos de economia, mas tão só o conhecimento de que uma crise envolve as pessoas e só pode ser vencida com as pessoas. E que para tal teremos de contar com a motivação, o empenho, a capacidade e a aposta nas pessoas. Devolver a esperança é o primeiro passo para uma mudança positiva.

***Telmo Mourinho Baptista***

Bastonário

## FICHA TÉCNICA

**Telmo Mourinho Baptista**  
DIRECTOR

**Carlos Pereira da Silva**  
EDITOR

**Ana Amaro**  
**Francisco Rodrigues**  
**Liliana Pereira**  
**Patrícia Brás**  
**Samuel Antunes**  
**Vítor Coelho**  
COLABORAÇÃO

**Foto de Rita Chalupa**  
**sobre escultura de Ana Marta Pereira**  
CAPA

**publicidade@ordemdospsicologos.pt**  
PUBLICIDADE

**Ordem dos Psicólogos Portugueses**  
[www.ordemdospsicologos.pt](http://www.ordemdospsicologos.pt)  
PROPRIETÁRIO

**Nau Identidade**  
[www.nauidentidade.com](http://www.nauidentidade.com)  
DESIGN

**A3 . Artes Gráficas, Lda.**  
[www.a3-pt.com](http://www.a3-pt.com)  
TIPOGRAFIA

**25.000 exemplares**  
TIRAGEM

**2,50 euros**  
P.V.P.

—  
Isenta de registo na ERC ao abrigo do  
art. 12º, n.º 1 a) do Decreto-Regulamentar  
8/99 de 9 de Junho

—  
ISSN 2182-4479

## ÍNDICE

**P. 03**  
EDITORIAL

**P. 05**  
BREVES

**P. 06**  
AUTONOMIA CIENTÍFICA, TÉCNICA E ORGANIZATIVA DA PSICOLOGIA

**P. 08**  
TOMADA DE POSIÇÃO DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES

**P. 10**  
OS PSICÓLOGOS E OS RISCOS PSICOSSOCIAIS  
Saúde no Trabalho

**P. 14**  
UM PAÍS DE PSICÓLOGOS?  
Análise da Formação em Psicologia em Portugal

**P. 16**  
**ENTREVISTA**  
**MANUEL VIEGAS ABREU**  
Membro Honorário da Ordem dos Psicólogos

**P. 22**  
EMPREGABILIDADE DOS PSICÓLOGOS: FACTOS E MITOS  
Vítor Coelho e Ana Amaro

**P. 27**  
**ENTREVISTA**  
**EMPREENDEDORISMO**  
Conversa com Samuel Antunes e Francisco Rodrigues



## Ordem alerta para dispensa de psicólogos nas escolas e saúde

A redução do número de psicólogos nas escolas e centros de saúde está a revelar-se preocupante, sobretudo em cenário de crise. A Ordem decidiu assim denunciar junto da comunicação social esta situação. Nas várias entrevistas que deu aos canais de TV, rádio e imprensa, o Bastonário, Telmo Mourinho Baptista, deixou bem claro que é preciso reforçar escolas e centros de Saúde com psicólogos, sob pena da factura a pagar, em termos sociais e económicos, se tornar demasiado pesada para o país. Já em Outubro do ano passado, aquando da divulgação do relatório sobre o custo-efectividade das intervenções psicológicas em cuidados de saúde, a Ordem alertou para a urgência do reforço de psicólogos na educação e na saúde, face ao previsível aumento das situações de ansiedade, stress, depressão e suicídio. ■

## Atitude e comportamento são fundamentais para o sucesso

A Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) dinamizou uma mesa redonda na Conferência "Emprego Jovem, Perspectiva e Horizonte", que se realizou, no ISCTE, em Lisboa, no passado mês de Fevereiro. O encontro foi organizado pela Secretaria de Estado da Juventude e do Desporto, em parceria com várias entidades, entre elas, a OPP. Samuel Antunes, vice-presidente e Francisco Rodrigues, membro da Direcção da Ordem, ressaltaram a experiência na formação de mais de 1300 psicólogos, em empreendedorismo e gestão de projectos, em pouco mais de um ano. Revelaram também que a Ordem está preparar um programa para psicólogos que pretendam avançar com projectos de empreendedorismo. ■

## Relatório da OPP divulgado no site de Cuidados de Saúde Primários, SPEO e SPEPO

O relatório sobre o custo-efectividade das intervenções psicológicas em cuidados de saúde, da Ordem dos Psicólogos Portugueses, foi divulgado no site do Grupo Técnico para o Desenvolvimento dos Cuidados de Saúde Primários, no site da Sociedade Portuguesa para o Estudo da Obesidade (SPEO) e da Sociedade Portuguesa de Estudos para a Psicologia Oncológica (SPEPO). Esta é a primeira vez que um documento técnico da Ordem é divulgado por uma entidade do Ministério da Saúde e por sociedades científicas. Este é o resultado de um trabalho de afirmação dos psicólogos que a Ordem tem vindo a desenvolver no campo da saúde e demonstra a importância do contributo da Psicologia para a melhoria da saúde dos cidadãos e sustentabilidade do Serviço Nacional de Saúde. ■

## 1º Congresso da Ordem dos Psicólogos em Abril

De 18 a 21 de Abril arranca o Congresso "Afir-mar os Psicólogos". Para levantar a "ponta do véu" sobre as conferências e respectivos oradores, e os workshops escolhidos, a OPP lançou uma edição especial da PSIS21 inteiramente dedicada ao evento. Neste número são dados a conhecer também a Comissão Científica do Congresso e os eventos internacionais que a Ordem está a organizar para 2013 e 2014. David Neto, presidente da Comissão Organizadora, contou em entrevista à PSIS21 que em pouco mais de dois meses foram submetidas mais de 450 apresentações provenientes de todo o país. Para a Comissão Organizadora "esta é a confirmação que o Congresso está a chegar aos psicólogos e que estes querem fazer parte deste momento histórico". A PSIS21 Edição Especial 1º Congresso da OPP, bem como a primeira edição, estão disponíveis para download no site da Ordem dos Psicólogos Portugueses. ■

## Ordem recebida pelo Secretário de Estado da Juventude e do Desporto

O Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, Alexandre Miguel Mestre, recebeu em audiência o Bastonário da Ordem dos Psicólogos, Telmo Mourinho Baptista e Francisco Rodrigues, membro da Direcção. A Ordem apresentou-se junto da Secretaria de Estado como parceira em projectos que envolvam iniciativas direccionadas para os jovens e também na área do desporto. A Ordem defendeu o papel crucial que os psicólogos têm, e devem ter, na formação de professores, relativamente à identificação e sinalização de determinadas problemáticas e comportamentos de risco. Relembrou também a importância dos psicólogos em todo o trabalho que é realizado na prevenção de comportamentos de risco entre os jovens. ■

## Saúde Ocupacional é uma "área emergente em Portugal"

A Ordem dos Psicólogos Portugueses marcou presença na primeira reunião anual da Associação Portuguesa de Psicologia da Saúde Ocupacional (APPSO), no Porto. Na sessão de abertura do encontro, Samuel Antunes, Vice-presidente da Ordem, salientou que a Saúde Ocupacional é uma área emergente em Portugal e por isso "uma via possível para os profissionais da Psicologia". Embora esta seja uma matéria que requer formação e certificação específicas, o Vice-presidente da Ordem acredita serem os psicólogos os melhor posicionados para desenvolverem esta área com sucesso. ■

## Bastonário defende auto-regulação das profissões

O Bastonário da Ordem dos Psicólogos participou no fórum "Regulação em Saúde: Auto-regulação Profissional", promovido pela recém-criada Ordem dos Nutricionistas, para reflectir sobre o papel das Ordens no contexto da organização das profissões. Telmo Mourinho Baptista defendeu a importância da auto-regulação das profissões como um claro sinal de maturidade da profissão. Para o Bastonário, a auto-regulação, ainda que imperfeita, é sempre melhor que uma regulação externa feita pelo Estado, que na maior parte dos casos desconhece os problemas dos profissionais, ou que uma desregulação total que deixa profissionais e utentes entregues a si próprios. ■

## Ordem atenta aos problemas dos psicólogos da área da reabilitação

A Ordem dos Psicólogos Portugueses promoveu, na sua sede, uma reflexão em grupo para identificar os problemas que enfrentam os psicólogos que trabalham na área da reabilitação. Na reunião foi possível levantar um conjunto de preocupações e problemas na prática profissional dos psicólogos. Este trabalho serviu para estabelecer as bases de um documento que servirá para o lançamento de uma reflexão mais alargada que incluirá a clarificação do papel do psicólogo num sistema ou contexto específico de intervenção, a reabilitação enquanto intervenção transversal a várias áreas, a sensibilização de instituições e pessoas que dirigem projectos e a integração de modelos de Intervenção. Pretendeu-se conhecer a realidade do funcionamento dos psicólogos em instituições que contemplam diversas valências de intervenção. ■



# AUTONOMIA CIENTÍFICA, TÉCNICA E ORGANIZATIVA DA PSICOLOGIA

TELMO MOURINHO BAPTISTA

**Uma profissão afirma a sua maturidade quando se pode definir por uma prática autónoma, não tutelada da sua actividade. Ou seja, se confia que os seus profissionais são capazes de tomar por si só decisões complexas que envolvem o conhecimento e as competências adquiridas, e respondem pelas decisões tomadas no quadro de um exercício que respeite as dimensões éticas da profissão.**

Naturalmente que existe um percurso para a decisão autónoma, e esse percurso é o de uma formação longa e tutelada, que permitirá fazer uma aquisição sólida de conhecimentos e competências. Para tal é preciso fundamentar o conhecimento em rigorosa evidência científica, constituída em corpo de conhecimento integrado e passível de uma revisão contínua.

O exemplo dessa complexidade está bem expresso na necessidade de, para completar a formação em Psicologia, se exigir dois ciclos de estudos em Psicologia, e ainda um estágio curricular e outro profissional. Trata-se de um critério europeu, consubstanciado no que se designa por Diploma Europeu em Psicologia (Europsy), ou seja, o acordo existente entre muitas entidades representativas dos psicólogos a nível europeu, de

que a formação de um psicólogo passa por um longo período de aprendizagem.

A necessidade de um estágio profissional não é um impedimento à entrada na profissão, como muitas vezes é mal entendido, mas sim uma preocupação com uma formação completa, obtida em meio adequado, com a supervisão qualificada de um psicólogo sénior. Permitir menor qualificação aos profissionais, seria defraudar os utilizadores sobre as competências desses profissionais.

A Psicologia como formação científica tem hoje esse corpo de conhecimentos e uma enorme e importante produção científica que tem feito avançar a intervenção nas várias áreas do comportamento humano. Apesar das múltiplas teorias concorrentes, é possível definir princípios

de actuação, e submetê-los a uma avaliação rigorosa de eficácia de resultados.

A Direcção da OPP decidiu dedicar a sua primeira Tomada de Posição acerca da "Autonomia Científica, Técnica e Organizativa da Psicologia". Tratava-se de fazer uma afirmação clara dos princípios que devem nortear a intervenção psicológica autónoma nos diversos contextos.

Fizemo-la porque é assim que concebemos a actuação dos psicólogos, com base nos conhecimentos, práticas e formas de organização. Estamos contudo conscientes de que esta afirmação corresponde ainda em muitos casos a uma situação ideal, e que o nosso trabalho enquanto profissionais consiste em defender esta posição nas mais diversas áreas de intervenção.



*“Tratava-se de fazer uma afirmação clara dos princípios que devem nortear a intervenção psicológica autónoma nos diversos contextos”.*

A falta de autonomia é sentida pelos profissionais com competência específica como um desrespeito pelo conhecimento e pelas capacidades profissionais. Importa por isso aproveitar cada oportunidade para clarificar para os diversos intervenientes qual o plano da nossa intervenção e competência, e porque é necessário que o exercício seja autónomo.

Algumas implicações da falta de autonomia são bastante evidentes, como seja a necessidade de autorização de outros profissionais para o exercício da actividade (sem que a decisão possa em primeiro lugar caber ao psicólogo), ou a necessidade de declarações, também emitidas por outros profissionais, para que o utilizador possa receber compensação pelos serviços prestados. Pode ainda assumir a forma de dependência funcional em serviços, ou remeter a actividade do psicólogo para o papel de um “auxiliar de diagnóstico”.

É certo que muitas vezes temos contribuído para o perpetuar destas situações, por aceitarmos que se continue a trabalhar em condições de subordinação intelectual, quando se trata verdadeiramente de conhecimentos diferentes,

ainda que conexos. De qualquer modo, o facto de a psicologia ser mais recente nos diversos serviços explica muitas vezes essa dependência, e uma organização que não teve em conta a psicologia na sua constituição. São tudo situações que importa ir mudando com a afirmação da autonomia do trabalho do psicólogo.

A autonomia traz inevitavelmente, e como tão bem sabemos, responsabilidades acrescidas que importa assumir. Tomar decisões complexas baseado em conhecimento próprio, pressupõe um bom domínio do conhecimento e das suas condições de aplicação, bem como do funcionamento dos sistemas em que o psicólogo se insere. A reivindicação da autonomia não é uma reivindicação de classe, mas a afirmação de que o conhecimento específico em causa – o da psicologia – é melhor realizado por aquele profissional. E que, numa perspectiva de prestar o maior bem ao cidadão, ele será melhor servido pelo profissional que domina o conhecimento e as competências específicas.

Além disso, não se deve entender a autonomia como independência total de actuação, dado que hoje em dia se tra-

balha em equipas multidisciplinares ou interdisciplinares, e que existe o dever de participação no melhor cuidado que pode ser prestado.

A Ordem está a desenvolver um conjunto de esforços para influenciar os decisores nas várias áreas de intervenção, de forma a que a autonomia científica, técnica e organizativa da Psicologia seja mais reconhecida. Continuaremos a apoiar as iniciativas de esclarecimento relativas à autonomia dos psicólogos e a produzir pareceres sobre estas questões quando solicitados para o efeito. Foi por entender esta questão como crucial para a profissão que a Direcção decidiu dedicar a sua primeira Tomada de Posição sobre este assunto.

O futuro da nossa profissão passa pela aceitação plena da autonomia de funcionamento dos psicólogos nas mais diversas esferas de acção, aceitando plenamente as responsabilidades inerentes a essa autonomia. As consequências dessa autonomia são muitas e variadas, e têm implicações nas organizações, implicações sociais, económicas, legais e muitas outras. Mas este é um caminho que está começado e que precisa de continuar a ser trilhado. A Ordem está disponível para ajudar na resolução dos problemas que esta afirmação levanta a cada um dos seus membros.

Compete aos psicólogos a defesa da autonomia da profissão. Para tal têm a Tomada de Posição que está disponível no site da Ordem, e que agora se republica, de forma a poder ser conhecida de forma mais alargada possível.

Seguir-se-ão outras tomadas de posição sobre assuntos de relevo para a profissão.



ORDEM  
DOS  
PSICÓLOGOS

# A AUTONOMIA CIENTÍFICA, TÉCNICA E ORGANIZATIVA DA PSICOLOGIA

TOMADA DE POSIÇÃO  
DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS  
PORTUGUESES

A Psicologia afirmou-se como ciência autónoma há mais de cem anos. Desde então constituiu um conjunto de teorias, modelos conceptuais, metodologias, técnicas e intervenções que lhe são próprias.

O desenvolvimento da Psicologia derivou do aparecimento de um elevado número de escolas que potenciaram a investigação, formação e aplicação dos saberes produzidos. O século XX foi o século do estabelecimento da Psicologia enquanto ciência.

Os avanços tornaram a Psicologia uma disciplina influente e com aplicações muito diversas em todas as áreas de intervenção do ser humano. Foi assim que se desenvolveram múltiplos contextos de aplicação da Psicologia como a Psicologia Clínica, a Psicologia da Educação ou a Psicologia das Organizações, entre muitos outros.

Também é reconhecido um foco diferenciado de intervenção, que vai desde a intervenção individual à intervenção na comunidade, passando pela intervenção com casais, famílias ou grupos.

Ao mesmo tempo, e no plano internacional, apareceram as principais organizações da Psicologia, tanto científicas como profissionais, que têm tido um papel fundamental na afirmação da disciplina e da profissão, clarificando os papéis, competências e áreas de intervenção dos profissionais.

Este extenso trabalho tem levado ao reconhecimento da profissão e à sua cada vez maior inclusão nos serviços prestados pelos governos e pela sociedade, seja através da integração em serviços públicos ou pela oferta sob a forma de profissão liberal.

É hoje evidente o contributo social relevante que a Psicologia tem dado à sociedade, na promoção da saúde e do bem-estar, do desenvolvimento, da integração e na redução das desigualdades.

Os estudos em Psicologia em Portugal têm já meio século de existência, pelo que detemos desde longa data um corpo de profissionais preparados para a intervenção. E tem sido crescente o interesse por esta área, a julgar pelo elevado número de cursos de Psicologia que existem como oferta formativa nos diversos níveis de graduação.

Em Portugal, a lei 57/2008 de 4 de Setembro, criou a Ordem dos Psicólogos Portugueses e aprovou os seus Estatutos. Esta lei atribui à Ordem dos Psicólogos Portugueses a exclusividade da atribuição do título profissional, pela inscrição obrigatória na Ordem de todos os que requeiram o título profissional, e cum-



pram os requisitos estipulados na lei para a aceitação na Ordem. A lei dotou a Ordem com a missão e os instrumentos formais para prosseguir os objectivos da defesa dos profissionais e dos clientes dos serviços de Psicologia.

No cumprimento da sua missão, a Ordem dos Psicólogos Portugueses adoptou o Código Deontológico, a que todos os psicólogos estão obrigados, e que se estabelece como referencial de uma elevada exigência de prática profissional. Tem ainda a Ordem os mecanismos para julgar as queixas apresentadas, que possam consubstanciar infracções ao Código Deontológico, por processo adequado a decorrer em órgão próprio - o Conselho Jurisdicional.

A Ordem desenvolverá ainda um conjunto de linhas de orientação (guidelines) para aspectos diferenciados da prática profissional, que constituirão consensos de prática que reflectam o estado do conhecimento e de entendimento de boas práticas em Psicologia.

Tendo em conta os pressupostos enunciados, que configuram uma coerência científica, formativa e organizativa da Psicologia:

**A Ordem dos Psicólogos Portugueses afirma que a Psicologia, como ciência autónoma, com modelos, metodologias, técnicas e intervenções próprias deve gozar de autonomia científica, técnica e organizativa nos diversos contextos da sua aplicação.**

**Esta autonomia traduz-se na capacidade de auto-organização dos profissionais em estruturas próprias (como unidades, serviços, departamentos, etc..) com o fim da prestação do mais elevado padrão de serviços aos clientes da Psicologia.**

Podem, no entanto, por conveniência organizativa, os psicólogos integrar estruturas mais amplas da organização, desde que salvaguardada a sua autonomia científica e técnica.

Quando enquadrados noutras estruturas, deve ser reconhecido aos psicólogos a autonomia científica e técnica para o exercício profissional.

A autonomia organizativa não deve comprometer a necessidade do trabalho em equipa, e impõe um esforço de colaboração com outros profissionais respeitando os princípios estabelecidos no Código Deontológico dos Psicólogos Portugueses.

Aprovada em reunião de Direcção da Ordem dos Psicólogos Portugueses do dia 20 de Maio de 2011. ■

SAÚDE NO TRABALHO

# OS PSICÓLOGOS E OS RISCOS PSICOSSOCIAIS

SAMUEL ANTUNES | VICE-PRESIDENTE OPP

Durante o ano de 2012, decorrerá uma campanha europeia centrada nos Riscos Psicossociais no Trabalho. Esta campanha coordenada pelo Comité dos Altos Responsáveis da Inspeção do Trabalho (SLIC) tem como objectivo a avaliação dos Riscos Psicossociais nos seguintes sectores: saúde, serviços e transportes.

A Ordem dos Psicólogos Portugueses, consciente da importância dos riscos psicossociais para a saúde e qualidade de vida dos profissionais, iniciou um conjunto de iniciativas que visa promover, conjuntamente com a Autoridade para as Condições de Trabalho, a sensibilização dos Psicólogos para esta área de intervenção.

Desde 1986, altura em que a OIT - Organização Internacional do Trabalho e a OMS - Organização Mundial da Saúde, chamaram a atenção para a importância dos Riscos Psicossociais no Trabalho (RPT), que estes riscos não param de aumentar. Cada vez mais, trabalhadores de todas as categorias profissionais e sectores de actividade afirmam sofrer de sintomas ligados ao stress, ao assédio (moral ou sexual) e mesmo à violência no trabalho.

Referimo-nos aqui aos riscos associados ao contexto profissional (organização e gestão do trabalho, mas também o seu contexto económico e social), susceptíveis de ameaçarem a integridade física e/ou psicológica dos profissionais e de gerarem problemas de saúde mental, doenças músculo-esqueléticas ou cardiovasculares.

O stress é uma das consequências mais comuns deste tipo de riscos. De acordo com a Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho, quase um em cada quatro trabalhadores é afectado pelo stress, havendo estudos que o apontam como responsável por entre 50% a 60% dos dias de trabalho perdidos e o segundo problema de saúde relacionado com o trabalho mais notificado, afectando 22% dos trabalhadores da UE-27 (em 2005).

*“O stress afecta mais de 40 milhões de pessoas em toda a União Europeia.”*



*“O local de trabalho poderá ser um determinante da saúde dos colaboradores com impacto nas suas famílias, na comunidade, e por isso mesmo, um espaço privilegiado para prevenir problemas psicológicos e promover uma melhor saúde física e mental.”*

De acordo com estudos realizados pela Fundação Europeia para a Melhoria das Condições de Vida e de Trabalho (2007), o stress afecta mais de 40 milhões de pessoas em toda a União Europeia. O custo anual do stress associado ao trabalho na UE-15 foi estimado em 20.000 milhões de Euros e 50 a 60% do absentismo está directa ou indirectamente ligado ao stress.

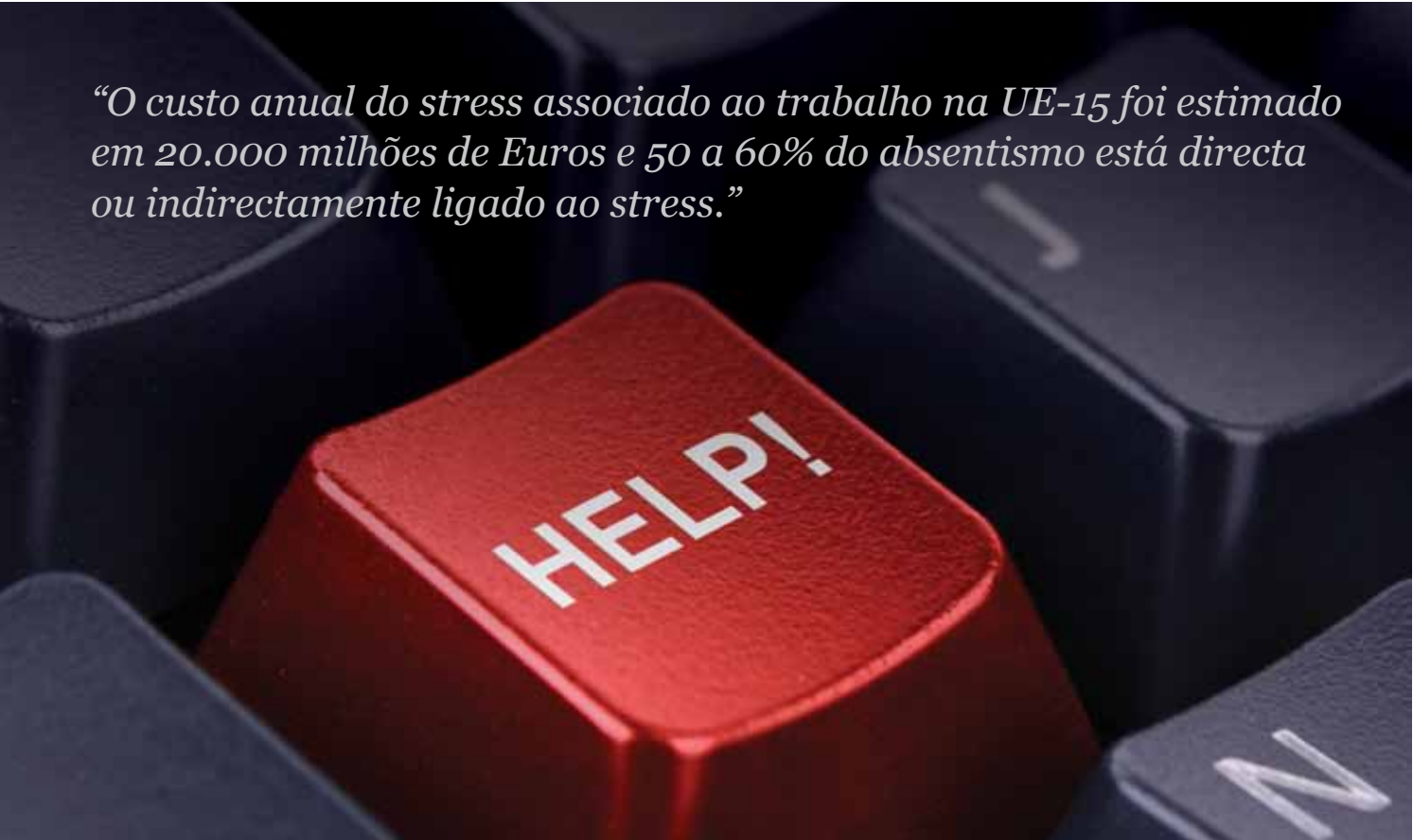
A Quarta pesquisa europeia de condições de trabalho (EASHW, 2007) revela que, em 2005, 20% dos trabalhadores da UE a 15 e 30% dos 10 novos Estados-Membros consideravam que a sua saúde estava em risco por causa do stress no trabalho.

O inquérito Europeu a Empresas sobre os Riscos Novos e Emergentes (ESENER, 2010) realizado pela Agência Europeia para a Segurança e Saúde no Trabalho, revela que 79% dos gestores europeus estão preocupados com o stress no trabalho. No mesmo inquérito e no que se refere a Portugal, cerca de 85% dos gestores considera o stress um tema importante, mas só 15% das empresas portuguesas que participaram no estudo referiu possuir instrumentos para gerir o stress relacionado com o trabalho.

Esta questão é particularmente sensível, dada a relação existente entre os riscos psicossociais e o aumento de quadros de ansiedade, de depressão e até de acidentes de trabalho. Colaboradores em exaustão emocional têm menos capaci-

dade de resposta a situações de ameaça e tendem a negligenciar medidas de segurança fundamentais nessas situações.

Actualmente, os problemas associados a uma deficiente saúde mental constituem a quarta causa mais frequente de incapacidade para o trabalho e a OMS calcula que, até 2020, a depressão venha a tornar-se a principal causa de incapacidade.



*“O custo anual do stress associado ao trabalho na UE-15 foi estimado em 20.000 milhões de Euros e 50 a 60% do absentismo está directa ou indirectamente ligado ao stress.”*

Estes factos surgem como consequência das mudanças ocorridas nos últimos anos no mundo do trabalho, nomeadamente, as transformações socioeconómicas, o aumento do desemprego, o aumento da incerteza e da instabilidade laboral, os contratos precários, o aumento da carga e do ritmo de trabalho, a insegurança causada pela imprevisibilidade das mudanças e reestruturações nas empresas, a dificuldade crescente de equilibrar vida profissional e vida familiar e pessoal. Mas poderão ser atenuados, mediante acções que ajudem os colaboradores a encontrar estratégias mais saudáveis e eficazes de fazer face a estas situações de ameaça.

*“A OMS calcula que, até 2020, a depressão venha a tornar-se a principal causa de incapacidade.”*

A Ordem dos Psicólogos Portugueses considera que os Psicólogos são agentes fundamentais neste processo, desde logo porque possuem competências de base que os capacitam para processos de avaliação, prevenção e intervenção em situações de risco psicossocial, mas também porque têm um saber que é uma mais-valia na melhoria das condições de saúde e bem-estar no trabalho.

Estamos convencidos que este é um campo de trabalho emergente para os profissionais de psicologia que queiram investir nesta área da Saúde Ocupacional. A Ordem está a desenvolver esforços no sentido de criar condições para que os Psicólogos que queiram especializar-se nesta área possam ter uma formação de qualidade, ao nível do que de melhor se faz na Europa.

Acreditamos que o local de trabalho poderá ser um determinante da saúde dos colaboradores com impacto nas suas famílias, na comunidade, e por isso mesmo, um espaço privilegiado para prevenir problemas psicológicos e promover uma melhor saúde física e mental. Em perío-

dos como os que vivemos hoje, não poderemos esquecer que a promoção da saúde no trabalho contribui, significativamente, para o crescimento e competitividade das empresas, beneficiando assim os empregadores, os colaboradores e a economia do país. Os Psicólogos portugueses poderão dar um precioso contributo para a consecução desses objectivos individuais e colectivos, pela relevância estratégica do seu conhecimento e eficácia operacional das suas práticas. ▀





---

# FUNDAMENTAL PARA O EXERCÍCIO DA PSICOLOGIA

Documento disponível em [www.ordemdospsicologos.pt](http://www.ordemdospsicologos.pt)

# UM PAÍS DE PSICÓLOGOS?

## ANÁLISE DA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA EM PSICOLOGIA EM PORTUGAL

VÍTOR COELHO, PATRÍCIA BRÁS, LILIANA PEREIRA E ANA AMARO | GABINETE DE ESTUDOS DA OPP

De forma a compreendermos melhor as condicionantes das questões de empregabilidade na Psicologia em Portugal é necessário perceber a evolução da formação universitária em Psicologia em Portugal. Só desta forma é possível compreender como passámos de quase 8000 licenciados a quase 23000 formandos em Psicologia durante a década passada.

As primeiras licenciaturas em Psicologia em Portugal foram criadas após a mudança de regime político, mas os primeiros licenciados apenas concluíram a sua formação a partir de 1980 e durante essa década o número de licenciaturas manteve-se estável. Foi apenas na década de 90 que começámos a assistir à criação de novas licenciaturas, elevando-se o número destas para 10 em 1995. O crescimento acentuou-se bastante desde aí, atingido 23 licenciaturas no ano de 2000. Este crescimento prolongou-se durante a primeira metade da década anterior chegando a 35 licenciaturas em 2005. A partir do ano de 2004, Portugal passou a deter mais licenciaturas em Psicologia do que a Espanha.

Durante os últimos 3 anos temos assistido a uma ligeira redução no número de instituições com cursos de Psicologia em funcionamento, após um pico de 37 em 2007, diminuíram para 34 em 2010 e 32 neste ano lectivo.

Apesar do crescimento de licenciaturas (pós 1995) ter produzido um conjunto de cursos distribuídos pelo país, ainda existe actualmente uma grande agregação de cursos no distrito do Porto (9) e em Lisboa (8). Isto configura uma concentração particularmente elevada de cursos numa área geográfica limitada. Se tomarmos como exemplo a situação nos países da União Europeia (apresentada na Figura 2), significa que só o Distrito do Porto tem mais formações universitárias em Psicologia do que a Áustria e que os

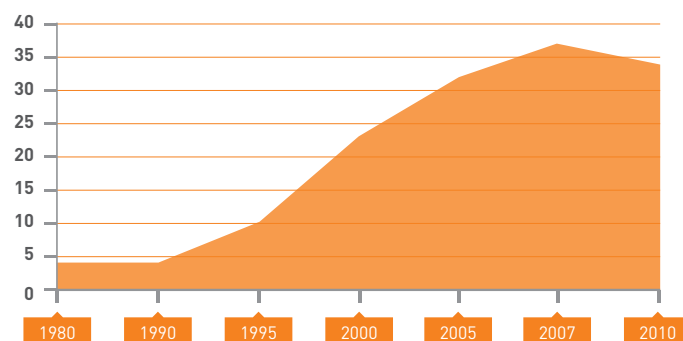


FIGURA 1 › Número de licenciaturas em Psicologia 1980 - 2012

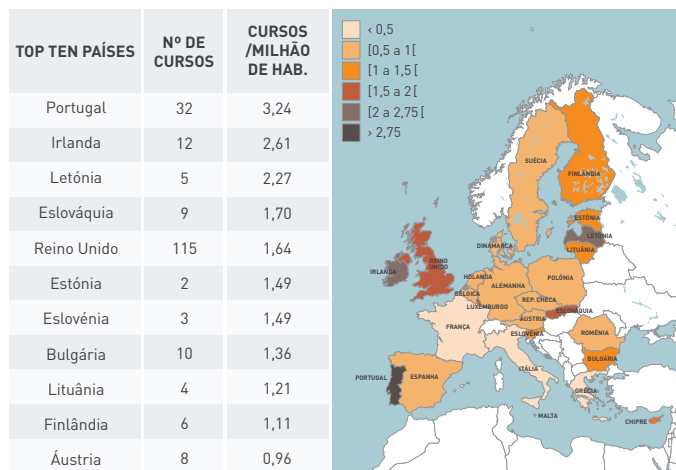


FIGURA 2 › Rácio de cursos em Psicologia por milhão de habitantes

Distritos de Lisboa e Setúbal apresentam mais formação universitária em Psicologia do que a Bélgica, país comparável em termos de população.

O presente número de licenciaturas faz com que Portugal se destaque a nível da União Europeia como o país que, de longe, tem mais cursos de Psicologia por milhão de habitantes. Portugal apresenta praticamente o dobro do rácio do Reino Unido e mais do que 4 vezes mais cursos por milhão de habitantes do que a Espanha.

A evolução do número de vagas em Psicologia em Portugal tem seguido desenvolvimentos diferentes nos dois sistemas de ensino: estável, nos últimos 4 anos, nas Universidades Públicas, mas apresentando um forte decréscimo (cerca de 25%) nas Universidades Privadas. É necessário ainda considerar que os cursos das Universidades Públicas tendem a colocar mais candidatos do que o número de vagas disponíveis devido aos vários regimes de colocação especiais, enquanto entre os cursos de Universidades Privadas tendencialmente as vagas não são totalmente preenchidas.

Actualmente existe uma tendência de diminuição da procura dos cursos de 1º ciclo em Psicologia que se manifesta de duas formas distintas: a) no Ensino Público tem diminuído o número de candidatos que escolhem os vários cursos de Psicologia como 1ª opção (como pode ser constatado na tabela 1); b) no Ensino Privado e Cooperativo não têm sido preenchidas a totalidade das vagas disponibilizadas: no ano lectivo de 2010/11, segundo o GPEARL (2011) apenas 51,6% (1019 em 1975) das vagas foram preenchidas.

A título de exemplo podemos constatar que existiu, em 2011/2012, uma procura pelo curso do ISCTE que se cifrou num número de candidatos em 1ª opção 3,37 vezes superior ao número de vagas disponíveis.

Podemos assim afirmar que assistimos, durante os últimos 3 anos de admissão, a uma diminuição de candidatos que escolhem como 1ª opção o curso de Psicologia, que é notória nas candidaturas do ano lectivo 2011/12. Existem presente-mente instituições que apresentam mais vagas do que candidatos que escolhem o curso de Psicologia dessa instituição como 1ª opção (Universidades da Beira

Interior e de Aveiro este ano, do Algarve nos dois últimos anos).

O mesmo cenário de redução do número de candidatos pode ser aferido com maior gravidade nas Instituições de Ensino Privado, onde as consequências se traduzem no não preenchimento total das vagas disponíveis para o regime geral de acesso. No presente ano lectivo, na zona da Grande Lisboa e considerando os 4 cursos de Ensino Privado e Cooperativo cujas instituições nos forneceram informação, apenas 33% (213 em 640) das vagas foram preenchidas. No distrito do Porto, nas 7 instituições de Ensino Privado que disponibilizaram esses dados, apenas 40,4% (216 em 535) das vagas de contingente geral foram preenchidas. Três instituições de ensino superior negaram-se a disponibilizar a informação solicitada.

Estes números tornam-se mais preocupantes quando analisamos o acesso disponibilizado aos Maiores de 23, regime de acesso que está a representar uma percentagem cada vez maior de alunos que obtêm vaga, nem sempre respeitando a percentagem de vagas fixadas para esse regime. No ano lectivo de 2010/11, segundo o GPEARL (2011), 5 instituições ultrapassaram largamente o número de vagas disponíveis para esse regime. O exemplo extremo é o do ISLA de Bragança onde foram fixadas 2 vagas e entraram 10 alunos, ou seja dos 10% de vagas disponibilizadas para este regime resultou na entrada de 83,3% dos alunos.

Estes dados mostram-nos a importância de suscitar, junto do Ministério da Educação, a discussão sobre a clara sobriedimensão da rede de formações universitárias em Psicologia em Portugal, face às recomendações internacionais (menos de 0,5 estudantes de Psicologia por mil habitantes; Tikkanen, 2004). Ademais, face aos altos níveis de desemprego identificados noutro artigo nesta revista torna-se urgente uma redução do número de vagas oferecidas para o acesso à formação em Psicologia, particularmente nas áreas de Lisboa e Porto. Seria importante que este esforço de redução promovesse a racionalização da oferta de formação a este nível, e fosse realizado de uma forma concertada envolvendo as várias instituições que ministram o curso de Psicologia, bem como a instituição que representa os profissionais da Psicologia: a Ordem dos Psicólogos.

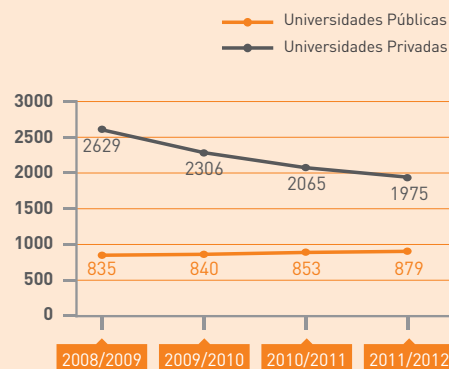


FIGURA 3 > Evolução de vagas no Ensino Superior 2008 a 2012

Instituições de Ensino	Ano de Entrada		
	2009/10	2010/11	2011/12
ISCTE	3,56	3,67	3,37
FPCE - Uni. Porto	1,71	4,04	3,12
EP - Uni. Minho	1,05	1,41	1,52
Uni. Açores	1,88	1,64	1,46
FPCE - Uni. Coimbra	1,95	2,19	1,4
UTAD	1,87	1,71	1,4
FP - Uni. Lisboa	1,39	1,61	1,19
Uni. Madeira	1,8	1,85	1,1
Uni. Évora	1,34	1,68	1,08
UBI	1,33	1,45	0,9
Uni. Algarve	1,05	0,88	0,85
Uni. Aveiro	2,57	2,37	0,7

TABELA 1 > Candidatos em 1ª opção/número de vagas disponíveis no Ensino Superior público

Instituições de Ensino	Vagas Regime Maiores de 23			
	Vagas	Entradas	% Real	% Fixada
Uni. Autónoma de Lisboa	14	21	41,5%	21,8%
Uni. Lusitana do Porto	10	16	34%	10%
Instituto Piaget (Almada)	5	14	7,1%	56%
ISLA - Bragança	2	16	10%	83,3%
ISLA - Leiria	0	17	0%	35,4%

TABELA 2 > Vagas disponibilizadas para o regime de maiores de 23 face ao número de entradas

# *“Autoconhecimento, reflexão, capacidade de escuta e de empatia”*

## SÃO ESSENCIAIS PARA SER UM BOM PSICÓLOGO

### MANUEL VIEGAS ABREU

MEMBRO HONORÁRIO  
DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS  
PORTUGUESES

CPS 

A aventura começou em 1954 quando Manuel Viegas Abreu, então com 18 anos, apanhou um comboio de Olhão, sua terra Natal, para Coimbra, onde iria iniciar o seu percurso académico. Conta que o normal para quem vinha do Algarve seria ficar em Lisboa, mas quis o destino que as coisas para o actual Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra e Membro Honorário da Ordem dos Psicólogos Portugueses fossem bem diferentes.

Matriculou-se em Ciências Históricas e Filosóficas da Faculdade de Letras porque não havia licenciatura em Psicologia em nenhuma Universidade ou instituição privada de ensino superior. Mas a dada altura, por pressão dos colegas de casa, sentiu-se impelido a mudar para Direito. Tinha uma vertente mais prática e, sem dúvida, proporcionaria mais saídas profissionais. De novo, as circunstâncias ditaram o contrário. Calhou que duas cadeiras fossem leccionadas por alguém que conseguia entusiasmar os alunos pelas suas excelentes capacidades pedagógicas e incen-

tivo à reflexão pessoal. O Professor Sílvio Lima passou então a ser um mestre e modelo ideal de vida para o jovem Viegas Abreu.

Esta é a primeira de uma série de entrevistas aos Membros Honorários da Ordem dos Psicólogos Portugueses, que a 18 de Junho de 2011 receberam a cédula profissional numa cerimónia especial. Uma rubrica que a PSIS21 inicia nesta segunda edição da revista.

#### **PSIS21: Como vê a evolução da Psicologia em Portugal desde as últimas décadas até aos dias de hoje?**

**Manuel Viegas Abreu:** Do meu ponto de vista, podemos distinguir, pelo menos, dois períodos diferentes na evolução da psicologia em Portugal nas últimas décadas. O primeiro, que vai de meados da década de 70 até meados dos anos 90 do século XX, iniciou-se com a criação, no ano de 1976-77, dos Cursos Superiores de Psicologia nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, instituídos em 1980 com o estatuto de Faculdades. Foi





Fotografia: LightFactory / Conceição Pires

*“A Ordem tem vindo a contribuir de forma muito significativa para a afirmação da Psicologia e dos psicólogos na sociedade portuguesa”.*


o período entusiasmante da coordenação e harmonização dos planos de estudo entre as três Faculdades, da organização dos estágios curriculares, designadamente em escolas, hospitais e empresas, da saída para o mundo profissional das primeiras gerações de psicólogos, da estruturação de centros de investigação e de formação avançada.

**PSIS21: Os primeiros psicólogos devem ter encontrado muito terreno por desbravar...**

**MVA:** Sim, sabia-se que eram muitas as necessidades da sociedade portuguesa em diversas áreas da intervenção psicológica, mas houve a preocupação de ir avançando com cautela designadamente no número de alunos admitidos em cada Universidade, de forma a não inundar rapidamente o mercado. O sucesso das primeiras gerações de psicólogos suscitou o reconhecimento social da utilidade da sua actuação, fazendo aumentar o interesse de diversas instituições em contar com a colaboração de psicólogos.

**PSIS21: Depois houve um segundo período. Como correu?**

**MVA:** O segundo período decorre de meados da década de 90 até à actualidade e caracteriza-se pela expansão da psicologia em diversos aspectos: multiplicação dos cursos de Psicologia, aumento significativo da produção científica, designadamente por intermédio do acréscimo de doutoramentos, criação de mestrados, reforço da internacionalização. A multiplicação dos cursos de Psicologia, quer nas universidades públicas, quer nas universidades privadas, reflectiu o sucesso e o reconhecimento social da actuação dos psicólogos anteriormente apontados. Mas a difusão dos cursos de psicologia sem regulação teve um efeito perverso que agora começa a fazer sentir-se: o mercado não absorve todos os licenciados e o desemprego é já uma realidade dramática para muitos deles. Tornam-se necessárias novas formas de regulação de modo a harmonizar “formação” e “saídas profissionais”.



*“O sucesso das primeiras gerações de psicólogos suscitou o reconhecimento social da utilidade da sua actuação”.*

**PSIS21: O que significou ser um dos responsáveis pela criação na década de 80 das Faculdades de Psicologia e Ciências da Educação das Universidades de Coimbra e Lisboa?**

**MVA:** A participação na criação das Faculdades de Psicologia e de Ciências da Educação nas Universidades de Coimbra, Lisboa e Porto, em 1980, precedida pela criação dos Cursos Superiores de Psicologia no ano de 1977, constituiu um privilégio ímpar! Ter dado o meu contributo, juntamente com o de outros colegas, para uma viragem histórica no desenvolvimento da Psicologia em Portugal, significou para mim (e continua a significar) uma experiência inolvidável.

Foi por um lado o coroar de um persistente esforço de fundamentação, junto dos responsáveis pela política de educação em Portugal, de um projecto indispensável para colmatar uma grave lacuna na formação de psicólogos no nosso País. Foi o prémio de um sonho: o de reatar a linha de orientação do Professor Alves dos Santos ao criar, em 1912, o Laboratório de Psicologia Experimental na Faculdade de Letras de Coimbra, o primeiro a funcionar em Portugal, linha que ficou “suspensa” durante longos anos por condicionismos extrínsecos à vida académica. Por outro lado, significou o começo da organização de múltiplas tarefas de

grande responsabilidade, de forma a assegurar a melhor qualidade possível na formação dos estudantes e na qualificação científica dos novos docentes.

Foi um período apaixonante, cheio de tarefas exigentes que requereram uma dedicação constante ao longo de anos. Valeu a pena o esforço dessa navegação difícil? A resposta aí está na prossecução da viagem pelo “mar largo”, agora com outros timoneiros animados pelo mesmo espírito de formar psicólogos e de afirmar a Psicologia em Portugal.

**PSIS21: Ultrapassados os primeiros obstáculos, que desafios vieram a seguir?**

**MVA:** Vencidos os desafios de ultrapassar as resistências próprias de qualquer processo de mudança institucional ou de criação de projectos inovadores, resistências muitas vezes oriundas do poder político de decisão e do próprio meio académico, houve que enfrentar outros desafios no decurso do processo de instalação e funcionamento dos cursos. Seria demasiado longa a sua enumeração. Por isso, irei apenas referir dois desafios decisivos.

O primeiro correspondeu à organização dos estágios curriculares, peça fundamental da transição da fase de formação teórica para a formação prática. O segundo consistiu na criação dos Serviços de

Psicologia e Orientação Escolar e Profissional no âmbito do Ministério da Educação e na estruturação da carreira de psicólogo-conselheiro de OEP, objectivos conferidos oficialmente, em 1983, a uma Comissão Científica e Técnica presidida pelo Professor José Ferreira Marques e da qual fiz parte.

Ambos os desafios foram alcançados com sucesso e o acompanhamento da intervenção dos psicólogos nas escolas do Ensino Secundário, Complementar e Profissional ao longo de 6 anos constituiu uma experiência de vida que sedimentou uma cooperação científica e humana perdurável, designadamente entre as Faculdades de Psicologia de Coimbra e de Lisboa.

**PSIS21: Vê diferenças entre os psicólogos de há 40 anos e os de hoje?**

**MVA:** Uma diferença abissal... Há 40 anos, não havia formação de raiz universitária em Psicologia e, por conseguinte, os poucos psicólogos que, como tal, se intitulavam e exerciam a profissão tinham feito ou completado a sua formação em Universidades estrangeiras. E grande parte deles dedicava-se ao ensino de disciplinas de Psicologia existentes nos cursos de Filosofia e no curso de Ciências Pedagógicas (para complemento da formação de professores) nas Universidades ou nas Escolas de Serviço Social. Foi com base neste



núcleo que a partir dos anos 60 se deu início ao movimento de pressão que levou à criação das Faculdades de Psicologia.

**PSIS21: Do seu ponto de vista, o que é preciso para se ser um bom psicólogo?**

**MVA:** Será excessivo dizer que tem de ser “excelente”? Há domínios que são fundamentais. É indispensável ter uma boa formação científica, quer na vertente teórica (“Não há melhor prática do que uma boa teoria”), quer na vertente técnica de “domínio” de instrumentos de avaliação e de metodologias de intervenção prática. O autoconhecimento, a reflexão sobre a experiência de vida, a capacidade de escuta e de empatia constituem igualmente requisitos básicos. E, finalmente, uma formação cultural e humana centrada no reconhecimento dos valores da dignidade e da liberdade de cada pessoa, valores que fundam o respeito pela sua autonomia e autodeterminação mesmo que carecidas de apoio no seu desenvolvimento ao longo do “ciclo de vida”. Este último domínio fundamenta o ensino e a vivência do “Código Deontológico”.

**PSIS21: Em que é que a Psicologia e o psicólogo podem marcar a diferença?**

**MVA:** No domínio da Saúde em geral e da Saúde Mental em particular, a intervenção dos psicólogos, em colaboração

com outros profissionais, representa uma mais-valia com repercussões em vários planos: melhoria da qualidade de vida dos doentes e dos seus familiares, satisfação de carências existentes nos cuidados prestados e, sobretudo, redução de custos directos e indirectos dos cuidados. Esta redução de custos é muito importante como mostra a evidência científica reportada no recente relatório sobre Custo-Efectividade de Intervenções Psicológicas em Cuidados de Saúde publicado pela Ordem dos Psicólogos Portugueses. No que respeita especificamente às intervenções Psico-educativas e de Reabilitação Psicossocial em Saúde Mental são múltiplos os estudos de economia da saúde, realizados em diversos países, que mostram a diminuição de custos decorrentes da recuperação das pessoas doentes, melhoria da sua qualidade de vida e, em muitos casos, da sua inserção na vida da comunidade. Trata-se de uma realidade que importa difundir e para a qual se deve chamar a atenção das autoridades e dos cidadãos em geral.

**PSIS21: Disse uma vez numa entrevista que o sector da saúde mental é o mais pobre de todos...**

**MVA:** Sim, o mais pobre e o mais desvalorizado. O mais pobre porque é o sector da Saúde com menos recursos financeiros e também com menos recursos humanos. O sector da Saúde Mental tem sistematicamente o orçamento mais baixo de todos os sectores da Saúde, orçamento que está centrado nas despesas com “camas” (ou seja, internamentos hospitalares) e com fármacos. O que significa que falta dinheiro para investir em estruturas, serviços e programas de Reabilitação Psicossocial e outras valências terapêuticas em que as intervenções psicológicas são de uma efectividade cientificamente demonstrada. Desvalorizado, porquê? Porque nos planos de tratamento dos doentes não são integradas outras modalidades de cuidados como as intervenções psico-educativas de doentes e de familiares, as terapias cognitivo-comportamentais e as actividades de Reabilitação Psicossocial. Trata-se de um “sintoma” da desvalorização com que a Saúde Mental é encarada pelas autoridades responsáveis pela melhoria da qualidade da Saúde em Portugal. É preciso mudar esta situação.

**PSIS21: E como é que se faz essa mudança?**

**MVA:** A mudança requer a sensibilização de diversos agentes sociais e exige a conjugação de esforços de muitas organizações, desde Associações de doentes e seus familiares até às Universidades, passando obviamente pela articulação entre a Ordem dos Médicos e a Ordem dos Psicólogos. É indispensável reconhecer e proclamar que a Reabilitação Psicossocial é um direito das pessoas com doença mental e um dever do Sistema Nacional de Saúde.

**PSIS21: Actualmente dirige a Associação ReCriar Caminhos. Pode explicar-nos em que consiste?**

**MVA:** A Associação ReCriar Caminhos ([www.recriarcaminhos.pt](http://www.recriarcaminhos.pt)) foi criada no final de 2008 com o objectivo de contribuir para o apoio ao desenvolvimento vocacional, formação e inclusão social de pessoas com esquizofrenia. Ao afirmar que a Reabilitação Psicossocial das pessoas com esquizofrenia é possível, com base em experiências e dados científicos provenientes de outros países, a Associação está a defender um direito dessas pessoas, a pressionar as autoridades responsáveis pela política de Saúde e a sensibilizar os cidadãos para a necessidade de integração da Reabilitação Psicossocial no sector de Saúde Mental.

*“A intervenção dos psicólogos, em colaboração com outros profissionais, representa uma mais-valia com repercussões em vários planos”.*

## *“O sector da Saúde Mental tem sistematicamente o orçamento mais baixo de todos os sectores da Saúde”.*

**PSIS21: E como é que essa inclusão é feita?**

**MVA:** Não pretendendo substituir-se ao Estado, tem todavia o projecto de criação de uma “Escola de Artes e Empreendedorismo Social” que integre diversas oficinas de orientação e de formação em diferentes áreas (artes plásticas, multimédia, teatro, escrita criativa, fotografia e jornalismo) que permitam identificar capacidades e desenvolver talentos que permanecem intactos apesar das vulnerabilidades e limitações decorrentes da doença. Neste momento, encontra-se em funcionamento a Oficina de Teatro que conta já com a realização de dois espectáculos com manifesto agrado do público e sentimento de realização pessoal dos participantes. A Associação espera poder ter em breve recursos logísticos e apoios financeiros que lhe permitam pôr em funcionamento outras oficinas e prolongar a actividade de orientação e formação por intermédio da criação de empresas sociais de inserção.

**PSIS21: Como vê o trabalho que tem sido desenvolvido pela Ordem na afirmação dos psicólogos e da Psicologia em Portugal?**

**MVA:** A necessidade da criação da Ordem dos Psicólogos fazia sentir-se já há vários anos. Finalmente, desde 2008, ela aí está oficialmente criada, graças à acção esclarecida e persistente de uma equipa notável de psicólogos liderada pelo Professor Telmo Mourinho Baptista, que soube dar continuidade e eficácia aos esforços anteriormente empreendidos. Sem elogios retóricos de ocasião, considero muito valioso o trabalho realizado

desde então pela Ordem, objectivamente merecedor de admiração, respeito e louvor. Desde a organização da campanha de inscrição de associados (são, neste momento, mais de 17 mil membros!), até à publicação do Código Deontológico (guia fundamental do exercício profissional dos psicólogos), passando pelo lançamento da PSIS21 (Revista oficial da OPP), pela organização dos estágios profissionais, pelo reconhecimento como parceiro por diversas instituições nas áreas da saúde, da educação e do trabalho, a Ordem tem vindo a contribuir de forma muito significativa para a afirmação da Psicologia e dos psicólogos na sociedade portuguesa. O 1º Congresso Nacional dos Psicólogos Portugueses, a realizar em Abril próximo, tendo precisamente por lema “Afirmar os Psicólogos”, constituirá um marco de grande impacto no reconhecimento social da intervenção dos psicólogos.

**PSIS21: Que mensagem deixaria para esta nova geração de psicólogos que está a encontrar tantas dificuldades para se inserir no mercado de trabalho?**

**MVA:** Referi acima duas causas para esta dificuldade. A primeira causa reporta-se à ausência de regulação no número de cursos de psicologia criados a partir de meados da década de 90 e no número excessivo de alunos que cada escola admite. O mercado ficou rapidamente “esgotado” na sua actual capacidade de absorção pelo excesso de licenciados lançados no mercado de trabalho. Há aqui um problema de equilíbrio que tem de ser objecto de séria reflexão por parte das instituições responsáveis pela formação, mas também por parte dos próprios candidatos a psicólogos e dos actuais psicólogos.

A segunda causa tem a ver com fortes resistências ao alargamento do mercado de trabalho sobretudo em áreas onde a intervenção dos psicólogos é ainda demasiado escassa. Refiro-me especialmente à área da Saúde Mental onde a carência de psicólogos é enorme em todos os Departamentos de Psiquiatria dos Hospitais Gerais e dos Hospitais Distritais. Torna-se indispensável organizar esforços para vencer essas resistências, demonstrando os benefícios de vária ordem decorrentes da intervenção dos psicólogos, incluindo os de redução de custos.

Mas o ensino da disciplina de Psicologia

nas escolas secundárias é outra área de trabalho de desenvolvimento potencial que importa conquistar. Para tanto, os psicólogos têm de se juntar aos esforços que a Ordem dos Psicólogos Portugueses está a desenvolver nesse sentido. Perante as dificuldades actuais, é importante ser persistente, continuar a estudar para fundamentar bem os projectos e as pretensões justas. A investigação e a formação avançada, quer em Psicologia quer em outras áreas diferentes, constituem também caminhos válidos de qualificação científica, técnica e humana com potencial valor profissional no mercado de trabalho. ■

*“A difusão dos cursos de psicologia sem regulação teve um efeito perverso que agora começa a fazer sentir-se”.*

---

**Manuel Amâncio Viegas Abreu** | Professor Catedrático Jubilado da Universidade de Coimbra | Investigador do “Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Vocacional e Social”, Unidade de I&D da F.C.T., de que foi fundador | Membro da Academia de Ciências de Lisboa | Presidente da Associação ReCriar Caminhos.

---



# A CONSCIÊNCIA DO PASSADO, AJUDA-NOS A PROJETAR **O FUTURO.**

## **Mestrado integrado**

---

Psicologia

Áreas de especialização: Psicologia Clínica, Psicologia  
Educativa, Psicologia Social e das Organizações

## **Licenciaturas / 1º Ciclo**

---

Biologia

Desenvolvimento Comunitário  
Reabilitação e Inserção Social

## **Mestrados / 2º Ciclo**

---

Psicobiologia

Psicopedagogia

Psicologia Comunitária

Psicologia da Saúde

## **Doutoramento / 3º Ciclo**

---

Psicologia

## **Pós-Graduações**

---



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO

**50**  
ANOS



Siguemnos em  
[www.facebook.com/ISPA.IU](https://www.facebook.com/ISPA.IU)

[www.ispa.pt](http://www.ispa.pt)

# EMPREGABILIDADE DOS PSICÓLOGOS: FACTOS E MITOS

VÍTOR COELHO E ANA AMARO | OBSERVATÓRIO DE EMPREGABILIDADE DA OPP

Durante os últimos anos, periodicamente, têm sido apresentados dados contrastantes sobre os índices de empregabilidade e de desemprego entre os psicólogos. Alguns destes dados eram bastante alarmantes, outros apontavam para altos níveis de empregabilidade entre os psicólogos. De forma a esclarecer a confusão inerente aos diferentes resultados apresentados, a Ordem dos Psicólogos Portugueses sentiu a necessidade de coletar, analisar e apresentar os dados relativamente à situação de empregabilidade e da situação de desemprego entre os psicólogos.



Efectivamente, os dados mais recentes fornecidos pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional apontam para um forte crescimento do desemprego entre os formados em Psicologia. De Setembro de 2009 a Janeiro de 2011, o número de desempregados entre os formandos em Psicologia aumentou 26,8% (de 2353 a 2985). Em Janeiro de 2011, entre os 48522 desempregados com o ensino superior completo, existiam 2985 formados em Psicologia.

De acordo com o 8º Relatório do Gabinete de Planeamento, Estratégia, Avaliação e Relações Internacionais (GPEARI) sobre procura de emprego dos diplomados com habilitação superior (publicado em Março de 2011), a área de estudo na qual os psicólogos estão inseridos ("Ciências sociais e do comportamento") era a 2ª área com maior número de registos de desempregados com habilitação superior, registando 13% de desempregados (um total de 5 585 registos), sendo ultrapassada unicamente pela área de "Ciências empresariais" que registava um nível de desemprego de 20% (um total de 8 562 registos). A área de "Ciências sociais e do comportamento" era, à mesma data, a área com mais inscritos na situação de procura de 1.º emprego, à frente de "Ciências empresariais", "Arquitectura e construção". Esta era, de resto, uma situação que já se prolongava desde Junho de 2009.

Para a análise que realizámos, optámos por considerar índices de natureza diversa: por um lado, um índice que identifi-

casse a percentagem de indivíduos que, tendo obtido formação académica em Psicologia, estão a exercer Psicologia em Portugal enquadrados na Lei 57/2008; por outro, a percentagem de indivíduos que, tendo recebido formação académica em Psicologia em Portugal, estão inscritos como desempregados no Instituto de Emprego e Formação Profissional.

## 1) RÁCIO DE PSICÓLOGOS COM CÉDULAS PROFISSIONAIS ACTIVAS

Este índice reflecte o rácio de psicólogos a exercer através das Cédulas Profissionais activas (conforme o estabelecido na Lei 57/2008) face ao número de licenciados formados em cada estabelecimento de ensino que ministrou a licenciatura de Psicologia. De forma a evitar as distorções provocadas pelo artigo 84º da Lei 57/2008 (que estabelece o regime transitório de dispensa de realização de estágio profissional da OPP), apenas foram contabilizados os formados até Junho de 2007. A identificação de cédulas activas foi realizada em final de Outubro de 2011.

Para apresentar os dados com maior clareza, optámos por realizar tabelas independentes para cursos de Licenciatura em Psicologia (ou Psicologia Aplicada) e para cursos de Licenciatura específicos (Psicologia Clínica ou Psicologia Organizacional). Os cursos estão organizados de forma decrescente em função do número de licenciados até Junho de 2007. Não foram analisados os cursos do Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Beja), da Universidade Independente e da Universidade Internacional da Figueira da Foz, visto estes cursos já terem sido encerrados. Não foram também incluídos um conjunto de cursos por não terem chegado a formar licenciados em Psicologia, no formato Pré-Bolonha, nas datas consideradas para a análise. Nesta situação incluem-se os cursos da Universidade da Madeira, de Trás-os-Montes e Alto Douro e do Instituto Superior de Ciências da Saúde – Egas Moniz.

LICENCIATURAS GERAIS	EFFECTIVOS	FORMADOS ATÉ 7/2007	RÁCIO
Instituto Superior de Psicologia Aplicada	2259	4334	52,1
Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa	1430	2392	59,8
Universidade Lusófona	1180	2286	51,6
Faculdade de Psicologia e C.E. – Universidade de Coimbra	1318	1975	66,7
Faculdade de Psicologia e C.E. – Universidade do Porto	1239	1816	68,2
Instituto Superior da Maia	645	1216	53,0
Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho	600	850	70,6
Universidade Lusíada (Porto)	124	677	18,3
Universidade Fernando Pessoa	251	446	56,3
Instituto Piaget – Viseu	127	276	46,0
Universidade do Algarve	92	181	50,8
Universidade Lusíada (Lisboa)	52	161	32,3
Universidade de Évora	102	152	67,1
Instituto Piaget – Almada	39	105	37,1
Universidade da Beira Interior	29	64	45,3
Instituto Miguel Torga	18	64	28,1
Universidade Autónoma de Lisboa	18	55	32,7
<b>TOTAL</b>	<b>9523</b>	<b>17070</b>	<b>55,8</b>

TABELA 1.1 • Licenciados em Psicologia pré-Bolonha a exercer como psicólogos em Outubro de 2011, por instituição



Entre os cursos gerais, 55,8% dos formados encontram-se com cédula profissional activa. Não se encontram entre estes: os que não estão a exercer Psicologia; os que a estão exercer, mas no estrangeiro; os que têm a cédula profissional inactiva.

Os dados parecem salientar um padrão persistente em que as instituições que têm o curso de Psicologia há mais tempo (independentemente do Ensino ser Público ou Privado ou Cooperativo), são as que apresentam os melhores resultados. Entre os cursos do Ensino Público, destacam-se as Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação; entre os cursos do Ensino Privado ou Cooperativo, também os que existem há mais tempo (como o ISPA) apresentam as maiores performances. No entanto, existe uma diferença consoante o regime de Ensino, com os licenciados em cursos do Ensino Público a apresentarem 64,7% de Cédulas Profissionais activas contra os 48,9% dos licenciados de Cursos do Ensino Privado ou Cooperativo.

De uma forma geral os licenciados em Psicologia e Psicologia Aplicada apresentaram um nível mais alto de Cédulas Profissionais activas (55,8% contra 45,4%). No entanto, as licenciaturas específicas apresentam resultados muito diferenciados consoante a área da licenciatura: 28,9% para as licenciaturas da área de Organizacional e 60,5% para as licenciaturas da área Clínica.

## 2) NÚMERO DE FORMADOS EM PSICOLOGIA INSCRITOS COMO DESEMPREGADOS NO CENTRO DE EMPREGO

Este índice reflecte o número de formados em Psicologia inscritos como desempregados no Instituto de Emprego e Formação Profissional, em Julho de 2010 (conforme o publicado pelo GPEAR no seu relatório de Março de 2011), face ao número de licenciados formados em cada estabelecimento de ensino até ao final de Março de 2010. A data de corte foi escolhida em função do tempo necessário para a realização do Estágio Profissional da Ordem dos Psicólogos Portugueses e apenas tem relevância nas tabelas

LICENCIATURAS ESPECÍFICAS	EFFECTIVOS	FORMADOS ATÉ 7/2007	RÁCIO
<b>0697 – Psicologia Social e das Organizações ou 0704 – Psicologia Organizacional</b>			
ISCTE (0697)	91	360	25,3
Inst. Superior de Línguas e Administração (Leiria) (0697)	62	180	34,4
Inst. Superior de Línguas e Administração (Bragança) (0704)	57	163	35,0
Inst. Superior de Línguas e Administração (Gaia) (0704)	12	65	18,5
<b>0701 - Psicologia Clínica</b>			
Instituto Superior de Ciências da Saúde – Norte	254	389	65,3
Instituto Superior D. Afonso III	141	242	58,3
Instituto Superior de Ciências da Saúde – Sul	102	190	53,7
<b>TOTAL</b>	<b>719</b>	<b>1589</b>	<b>45,4</b>

TABELA 1.2 › Licenciados em licenciaturas específicas pré-Bolonha a exercer como psicólogos em Outubro de 2011, por instituição

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	INSCRITOS NO IEFP	FORMADOS ATÉ 2009	RÁCIO
ISPA	176	4649	3,8
FP – UL	90	2525	3,6
Universidade Lusófona	166	2321	7,0
FPCE – UC	61	1934	3,2
FPCE – UP	80	1874	4,3
ISMAI	107	1307	8,2
Universidade do Minho	48	993	4,8
Universidade Lusíada – Porto	83	777	10,7
Universidade Fernando Pessoa	42	369	11,4
Instituto Piaget – Viseu	36	328	11,0
Universidade do Algarve	30	307	9,8
Universidade de Évora	23	232	9,9
Universidade Lusíada – Lisboa	22	194	11,3
Instituto Piaget – Almada	10	157	6,4
Universidade da Beira Interior	14	139	10,1
Instituto Miguel Torga	15	98	15,3
Universidade Autónoma	14	54	25,9
<b>TOTAL</b>	<b>1017</b>	<b>18258</b>	<b>5,5</b>

TABELA 2.1 › Licenciados em Psicologia pré-Bolonha Inscritos como desempregados no IEFP em Julho de 2010, por instituição

de análise sobre os cursos terminados pós-Bolonha.

Para apresentar os dados com maior clareza optámos por realizar tabelas independentes para cursos de Licenciatura Pré-Bolonha em Psicologia (ou Psicologia Aplicada) na tabela 2.1 e para cursos de Licenciatura específicos (Psicologia Clínica ou Psicologia Organizacional) na tabela 2.2. No caso dos Mestrados pós-Bolonha foram separados os Mestrados Integrados (tabela 3.1) dos Mestrados de 2º ciclo.

Podemos concluir que o rácio de pessoas que, detendo uma licenciatura em Psicologia (ou Psicologia Aplicada), se encontra inscrita como desempregada num Centro de Emprego, não é muito elevado (5,5). No entanto, será necessário contemplar três factores que podem enquadrar estes resultados: 1) Um problema que afecta muitos psicólogos é o subemprego e não o desemprego; 2) Os cursos que apresentam os melhores índices são cursos estabelecidos há mais tempo, logo os seus formados tiveram



mais tempo para encontrar trabalho, mas também potencialmente mais tempo para deixar a profissão; e 3) face aos dados reportados na tabela 1 podemos concluir que isso se deve, essencialmente, a um número elevado de pessoas que obtêm formação superior em Psicologia e não chega a entrar na profissão de psicólogo.

É também de salientar que existe uma diferença (mas não muito grande) entre as percentagens de formados em cursos do Ensino Público e os formados em cursos do Ensino Privado ou Cooperativo (4,3 versus 6,5). No entanto, não é possível determinar se essa diferença não pode ser explicada pelo facto dos Cursos do Ensino Público serem, em média, mais antigos do que os do Ensino Privado ou Cooperativo.

As licenciaturas específicas apresentam uma maior percentagem de licenciados inscritos como desempregados no IEFP (7,8% contra 5,5%). Dentro das licenciaturas específicas, as da área de Psicologia Organizacional apresentam uma percentagem superior de inscritos (8,4%) face às licenciaturas de Psicologia Clínica (7,1%). Paradoxalmente, é uma licenciatura de Psicologia Social e Organizacional (ISCTE) que se destaca com a percentagem mais baixa (3,4%) de inscritos.

## 2.1) NÚMERO DE MESTRES EM PSICOLOGIA INSCRITOS COMO DESEMPREGADOS NO CENTRO DE EMPREGO

Uma outra perspectiva é-nos dada pela análise dos graduados Pós-Bolonha, que permite uma indicação mais recente sobre os inscritos como desempregados. Nos Mestrados Integrados foram retirados os alunos que já foram anteriormente considerados (na análise das licenciaturas), ou seja, os alunos que tendo uma licenciatura pré-Bolonha, obtiveram posteriormente um Mestrado Integrado pós-Bolonha. Não foram consideradas para análise instituições que só começaram a ter alunos formados em 2010 ou que tivessem formado menos de 10 mestres.

INSTITUIÇÃO DE ENSINO	INSCRITOS NO IEFP	FORMADOS ATÉ 2009	RÁCIO
<b>0697 – Psicologia Social e das Organizações; 0696 – Psicologia Social e do Trabalho ou 0704 – Psicologia Organizacional</b>			
ISCTE (0697)	13	381	3,4
ISLA – Leiria (0697)	27	230	11,7
ISLA – Bragança (0704)	23	188	12,2
ISLA – Gaia (0704)	6	76	7,9
Universidade Fernando Pessoa (0696)	24	229	10,5
<b>0701 – Psicologia Clínica</b>			
ISCS – N	29	429	6,8
Instituto D. Afonso III	23	314	7,3
ISCS – S	8	96	8,3
<b>TOTAL</b>	<b>153</b>	<b>1943</b>	<b>7,8</b>

TABELA 2.2 - Licenciados em Psicologia em licenciaturas específicas pré-Bolonha inscritos como desempregados no IEFP em Julho de 2010, por instituição

INSTITUIÇÃO DE ENSINO / FORMAÇÃO GERAL	INSCRITOS NO IEFP	FORMADOS ATÉ 3/2010	RÁCIO
<b>9555 – Mestrado Integrado</b>			
FP – UL	33	215	15,3
FPCE – UC	46	362	12,7
FPCE – UP	31	206	15,0
Universidade do Minho	20	186	10,8
ISPA	58	405	14,3
<b>9463 – 2º Ciclo em Psicologia</b>			
Universidade da Beira Interior	10	30	33,3
Universidade Católica – Porto	17	52	32,7
Fernando Pessoa	9	34	26,4
<b>TOTAL</b>	<b>224</b>	<b>1490</b>	<b>15,0</b>

Relativamente à formação geral, identificamos que 15% dos formados estavam inscritos como desempregados no IEFP, em Julho de 2010. É de salientar, no entanto, que existe uma diferença muito saliente entre os 13,7% de formados provenientes de um Mestrado Integrado e os 31% de desempregados provenientes de uma formação de 2º ciclo geral em Psicologia.

Perante os dados disponíveis podemos concluir que uma formação de 2º ciclo específico se traduz numa maior percentagem de formados inscritos como desempregados no IEFP: 20,8% contra 15% dos Cursos de Formação Geral. No entanto, as formações específicas apresentam desempenhos muito diferentes consoante a área de pré-especialização do 2º ciclo de estudo (22% nos cursos da área de Psicologia da Justiça ou Forense, 25,4% nos cursos de Psicologia Clínica).

É de realçar que o curso do ISCTE apresenta neste índice um resultado que contrasta com os outros 2º ciclos específicos. Este desempenho pode ser específico da instituição ou traduzir um menor nível de inscritos como desempregados no IEFP entre os formados nos 2º ciclos de Psicologia Social e Organizacional. No entanto, para podermos aprofundar esta análise precisaríamos de analisar o desempenho de outros cursos na mesma área, e esses dados apenas estarão disponíveis no final deste ano.

FORMAÇÃO COM UM 2º CICLO ESPECÍFICO	EFFECTIVOS	FORMADOS ATÉ 3/2010	RÁCIO
<b>9622 – Psicologia Clínica; 6386 – Psicologia Clínica e da Saúde; 9541 – Psicoterapias</b>			
Universidade Lusófona (9541)	12	71	16,9
ISMAI (6386)	12	53	22,6
ISCS – N (6386)	5	13	38,5
D. Afonso III (9622)	2	7	28,5
Instituto Miguel Torga (9622)	16	41	39,0
<b>6409 – Psicologia da Justiça; M067 – Psicologia Forense e Criminal; 9377-Psicologia Forense e da Exclusão Social</b>			
Universidade Lusófona (9377)	6	40	15,0
ISMAI (6409)	5	17	38,4
ISCS – Egas Moniz (M067)	4	11	36,4
<b>9325 – Psicologia Social e das Organizações</b>			
ISCTE	5	81	6,2
<b>TOTAL</b>	<b>67</b>	<b>324</b>	<b>20,8</b>

*“Perante este cenário temos de questionar a pertinência da existência de um número tão elevado de instituições de formação universitária em Psicologia em Portugal.”*

## ANÁLISE GLOBAL

Relativamente aos níveis de empregabilidade parece existir uma vantagem dos cursos com mais tempo de existência. Isto traduz não só o maior tempo que tiveram para a obtenção de postos de trabalho, mas também a criação de redes que tendem a favorecer os formados mais recentemente nestas instituições.

Entre as licenciaturas pré-Bolonha, as licenciaturas em Psicologia (ou Psicologia Aplicada) apresentam melhores níveis de empregabilidade e mais baixos índices de inscritos como desempregados no IEFP relativamente às licenciaturas específicas (a exceção é o ISCTE relativamente ao nível de inscritos como desempregados no IEFP). Também os Mestrados Integrados apresentam menores percentagens de inscritos como desempregados no IEFP do que os mestrados de 2º ciclo ou específicos.

No entanto, entre os formandos mais recentes, o nível de inscritos como desempregados é equivalente (mesmo um pouco superior) à média nacional. Ou seja, não parece existir uma vantagem competitiva de uma pessoa habilitada com um Mestrado em Psicologia para a obtenção de emprego face à população geral. Perante este cenário temos de questionar a pertinência da existência de um número tão elevado de instituições de formação universitária em Psicologia em Portugal.



Fotografia: LightFactory / Conceição Pires

*“Queremos preparar os psicólogos e ajudá-los a desenvolver competências que levem ao sucesso dos seus projectos”*

CONVERSA COM SAMUEL ANTUNES E FRANCISCO RODRIGUES,  
DIRECÇÃO DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES

CPS

Recentemente Samuel Antunes, vice-presidente e Francisco Rodrigues, membro da Direcção da Ordem dos Psicólogos Portugueses (OPP) dinamizaram uma mesa redonda na Conferência “Emprego Jovem, Perspectiva e Horizonte” no ISCTE, em Lisboa.

O encontro foi organizado pela Secretaria de Estado da Juventude e do Desporto, em parceria com várias entidades, entre elas, a Ordem. Para saber um pouco mais sobre o que está a ser feito ao nível do empreendedorismo a PSIS21 falou com ambos e descobriu, entre outras coisas, que a formação deve começar logo em tenra idade e que ainda antes dos órgãos sociais da OPP terem sido eleitos, já as questões sobre o empreendedorismo estavam no topo das prioridades da Comissão Instaladora.

*“Há muita investigação que mostra que o sucesso de um projecto está mais dependente das competências, nomeadamente das “soft skills” dos empreendedores, do que variáveis como mercado e financiamento.”*

**PSIS21: Quando é que começa a preocupação com o empreendedorismo?**

**Francisco Rodrigues:** A Ordem começou a sua caminhada nestas questões do empreendedorismo há pouco mais de um ano, até porque é muito recente. Nasce de uma lei da Assembleia da República de 2008, teve o seu período de instalação a partir de 2009, até Abril de 2010, altura em que teve os seus primeiros órgãos eleitos. Foi exactamente a partir daqui que se pôde começar a realizar um trabalho que, entre muitas tarefas que tiveram que esperar cerca de 20 anos para se iniciarem, teve algumas dificuldades de implementação. Quer ao nível dos estágios profissionais, quer ao nível dos cursos de formação associados a esses mesmos estágios profissionais. A Ordem tem já uma vasta experiência nesta matéria, e tenta logo à entrada do mercado de trabalho preparar os psicólogos e ajudá-los a desenvolver competências na área do empreendedorismo e gestão de projectos. Aliás, estes são dois dos módulos que estão presentes no curso de formação do estágio profissional, sendo que os outros dois são ética e deontologia, identidade profissional e história da profissão. Passaram pelos nossos cursos mais de mil e trezentos psicólogos, em pouco mais de um ano. E, sem dúvida, queremos preparar os psicólogos e ajudá-los a desenvolver competências que levem ao sucesso dos seus projectos.

**PSIS21: Como é que funciona em termos práticos a formação em empreendedorismo?**

**Francisco Rodrigues:** Esta formação tem uma curta duração. O curso de formação em si tem 40 horas e contém, como já referi anteriormente, os módulos de empreendedorismo e gestão de projectos. O módulo de empreendedorismo está baseado num instrumento que treinamos intensamente durante esse período, e que se chama “Elevator Pitch”, sob o lema “Como vender uma ideia de negócios em dois minutos”. Esta ideia da venda de negócio costuma levantar algumas resistências iniciais pelos profissionais. Costumam perguntar “mas afinal de contas porque é que para sermos psicólogos temos que passar por um módulo de empreendedorismo?”. Mas esta é uma ideia que rapidamente se desvanece quando é feita a formação, até porque ela é muito experiencial, dado que não há propriamente grandes teorias para aprender. É muito comportamental e muito “atitudinal”, e treina-se. Para quem passa por esse treino posso dizer que se trata de um exercício de algum stress induzido, até porque na vida real também é assim. O que até agora temos verificado, em mais de 80 cursos um pouco por todo o país, é que depois de se passar pelo curso a aceitação é muito boa. O mesmo posso dizer do nível de satisfação, pelo feedback que nos é dado pelos participantes. Nós estamos inclusive a implementar uma avaliação da eficácia desta formação, com base nos participantes mais antigos, em que lhes pedimos que nos digam na prática que uso é que fizeram dos conhecimentos adquiridos e como é que os usaram.





*“Enquanto Ordem, nós temos a responsabilidade de criar respostas que permitam novas soluções, novos caminhos, para ajudar os psicólogos a gerir as suas carreiras profissionais”.*

**PSIS21: Porque é que é importante para um psicólogo ter formação em empreendedorismo?**

**Francisco Rodrigues:** É importante na medida em que os profissionais da psicologia podem explorar as verdadeiras mais-valias de competências, muitas delas comunicacionais, para o desempenho de uma profissão que é muito transversal no que diz respeito aos variados campos de intervenção que pode ter. Além disso, permite-lhes alargar horizontes e perceberem até que ponto alguns aspectos do seu comportamento e das suas atitudes, e falo até de aspectos micro-comportamentais, e que podem ter grande influência nos resultados e no sucesso dos seus projectos. O nosso enfoque é principalmente a gestão “atitudinal”, comportamental, e mesmo ao nível do módulo de gestão de projectos, que é complementar ao módulo de empreendedorismo, isso se verifica. Depois de se estudar aquilo que devem em termos práticos ser as componentes de um projecto, e depois do treino da elaboração desse mesmo projecto, há a apresentação, que é feita em “role play”, por equipas e depois alguém irá reagir à apresentação. O que torna isto mais interessante é o facto de a equipa desconhecer por completo a personalidade adoptada pela pessoa que vai reagir à apresentação. Isto constitui uma excelente forma de treinar a maneira de vender um projecto numa reunião e como ultrapassar algumas “armadilhas” que possam surgir durante a apresentação.

**PSIS21: A preocupação com o empreendedorismo resulta do cenário de crise que estamos a viver?**

**Samuel Antunes:** A questão do empreendedorismo, para nós, não é uma questão da necessidade actual resultante da crise. Para nós, Ordem, o empreendedorismo é uma questão de fundo. Os países que crescem são os países que investem em empreendedorismo e nós temos que interiorizar esta ideia. As carreiras mudaram e já não são o que eram. E sobretudo já não podemos pensar na carreira como eu pensava quando estudava na faculdade. Mudou a perspectiva de carreira, mudou inclusive a gestão da carreira. Quando eu comecei a trabalhar, a gestão da carreira era da responsabilidade do director-geral, ou do director de recursos humanos, mas hoje é da responsabilidade de cada um de nós. Temos que ter presente que cada um, hoje, é responsável pela gestão da sua carreira e também pela gestão da sua empregabilidade. Isto é uma ideia nova, mas é indispensável tê-la em conta. A gestão de empregabilidade exige de cada um de nós um investimento no seu desenvolvimento enquanto profissional, uma maior atenção a aspectos que por vezes descuidamos, nomeadamente quando já estamos numa situação confortável numa dada Organização. É por estas razões que a questão do empreendedorismo é uma questão a que a Ordem dos Psicólogos dá muita importância e em que está a fazer um grande investimento. A Ordem está a investir nos jovens psicólogos que vão começar a trabalhar, mas também está a investir no sentido de criar condições para a criação de projectos, quer ao nível do financiamento, quer ao nível do apoio e suporte para que este seja levado a “bom porto”.

**Francisco Rodrigues:** Nós até temos já algumas experiências piloto nesse sentido e isso está a dar-nos material para percebermos o que pode tornar um projecto bem-sucedido...

*“Temos que ter presente que cada um, hoje, é responsável pela gestão da sua carreira e também pela gestão da sua empregabilidade.”*



**PSIS21: E o que é que é preciso para se criar um projecto de sucesso?**

**Samuel Antunes:** Bom, há três factores que são fundamentais para o sucesso de um projecto. Primeiro ter uma ideia inovadora, criativa e que responda a uma necessidade. Em segundo lugar reunir competências para poder desenvolver essa ideia. Em terceiro lugar ter financiamento. Curiosamente, o financiamento não é o aspecto mais complicado. O mais difícil é reunir as competências necessárias para levar a ideia à prática. Este aspecto é central. Há muita investigação que mostra que o sucesso de um projecto está mais dependente das competências, nomeadamente das “soft skills” dos empreendedores, do que variáveis como mercado e financiamento. E aí nós temos uma palavra a dizer, não só pela nossa experiência, mas também pela investigação que temos vindo a desenvolver nesta área. Uma das características, que é um traço distintivo do nosso modelo, é o “coaching” aos empreendedores. Para quem não sabe o “coaching” é um “terreno” da psicologia. Eu conheço muitos projectos que foram financiados mas que falharam porque não tiveram acompanhamento, suporte, “mentoring”, na altura em que era preciso reflectir sobre tomadas de decisão importantes. Este é o aspecto que distingue o trabalho que estamos a fazer com os nossos colegas que trazem ideias de empreendedorismo. No fundo dar-lhes, para além da avaliação do projecto e conseguir financiamento junto de entidades especializadas, um suporte com colegas mais experientes que funcionem como mentores, como ‘coaches’, para os ajudarem a desenvolver estratégias e a tomarem boas decisões que resultem no sucesso do seu projecto.

**Francisco Rodrigues:** Já agora, só para completar um pouco aquilo que o meu colega disse, esta questão do empreendedorismo é algo que deriva logo dos momentos de instalação

da Ordem, ainda antes destes órgãos sociais estarem eleitos. Já na formulação do curso de formação dos estágios, a Comissão Instaladora teve a preocupação de incluir o módulo de empreendedorismo e gestão de projectos. Isto, como resposta a uma lacuna que era perceptível na classe e, por outro lado, também pelos números preocupantes da empregabilidade dos psicólogos. Enquanto Ordem, nós temos a responsabilidade de criar respostas que permitam novas soluções, novos caminhos, para ajudar os psicólogos a gerirem as suas carreiras profissionais e a desenvolverem projectos de sucesso.

**PSIS21: Não haveria vantagens em levar estas questões do empreendedorismo aos alunos do ensino básico e secundário?**

**Samuel Antunes:** Esta questão é muito pertinente e vem precisamente de encontro ao que nós pensamos sobre esta matéria. O empreendedorismo deve ser trabalhado desde muito cedo, e não apenas à saída da Universidade. Nós até podemos querer que as pessoas sejam empreendedoras quando saem da Faculdade, mas isso só por si não chega, e por vezes nem com muita formação. Há um conjunto de características, de personalidade, que se formam ao longo da vida e por isso nós temos que introduzir estas questões muito mais cedo.

**Francisco Rodrigues:** Aliás, já houve conversas com elementos do Governo nesse sentido para se explorar a possibilidade de introdução de temas sobre empreendedorismo, nas camadas mais jovens. Queremos começar a formar empreendedores cada vez mais cedo. Neste momento estamos a fazer um levantamento das possibilidades para levar a cabo essa missão, tendo em conta as limitações que poderemos encontrar nesse sentido.







**SABSEG**  
seguros

construímos relações seguras



A Sabseg Seguros tem para si, que é Psicólogo, **soluções específicas** de Protecção para a sua vida profissional e particular. Contamos com os melhores profissionais para lhe proporcionar um atendimento de excelência.

Estude connosco a solução que melhor se adapta à sua vida profissional

**Contacte-nos!**  
[ordensprofissionais@sabseg.pt](mailto:ordensprofissionais@sabseg.pt)

Braga | Lisboa | Porto | Coimbra | Viana do Castelo | Barcelos | Guimarães | Joane | Estarreja | Aveiro | Pombal | Leiria | Fátima | Ansião | Setúbal | Torres Novas | Porto de Mós | Funchal  
Barcelona | Luanda | São Paulo | Maputo

[www.sabseg.pt](http://www.sabseg.pt)

# AFIRMAR OS PSICÓLOGOS

1º CONGRESSO NACIONAL  
DA ORDEM DOS PSICÓLOGOS PORTUGUESES  
CENTRO CULTURAL DE BELÉM  
18 A 21 ABRIL 2012



COM O ALTO PATROCÍNIO  
DE SUA EXCELÊNCIA



*O Presidente da República*